INACUSATIVIDADE E INERGATIVIDADE NO PB[1]

Larissa Ciríaco (UFMG)[2]

Márcia Cançado (UFMG)[3]

Abstract: This paper presents a descriptive analysis of intransitive verb behavior in Brazilian Portuguese, specially the verbs known as unaccusative ones. We propose a prototypical analysis of this verb class, because the tests proposed by the literature do not always reach to define exactly what are the typical properties of unaccusativity or not. As observed from the BP data, there are some typical unaccusative verbs, some typical inergative verbs, but there are also other verbs, which present properties from both classes. Thus, we show here 40 verbs from BP and their behavior in relation to unaccusativity.

1. Introdução

O estudo do fenômeno da inacusatividade, questão muito tratada na literatura lingüística, teve a sua origem com a Hipótese Inacusativa, de Perlmutter (1978), dentro do quadro da Gramática Relacional e, posteriormente, assumida por Burzio (1986), dentro do contexto da Gramática Gerativa (mais especificamente GB - *Government and Binding*). Essa hipótese sintática faz uma divisão dos verbos tradicionalmente tratados como intransitivos, em dois tipos distintos: os inacusativos e os inergativos, sendo cada classe associada a uma estrutura profunda distinta. Da perspectiva da GB, os inergativos são os verbos tipicamente intransitivos, que possuem um único argumento na posição de sujeito. Os inacusativos são os verbos que também possuem um único argumento, entretanto, postula-se que esse argumento é gerado, em estrutura profunda, na posição de argumento interno. Em termos de estrutura argumental, os verbos inergativos possuem um

[1] Agradecemos os comentários e sugestões do parecerista anônimo da revista.
[2] A autora agradece o apoio financeiro da CAPES (Bolsa de Mestrado) larissaciriaco@ufmg.br
[3] A autora agradece o apoio financeiro do CNPq (Edital Universal e Bolsa de Produtividade) mcancado@ufmg.br

argumento externo, mas nenhum argumento interno direto; enquanto os inacusativos possuem um argumento interno direto e nenhum argumento externo, como explicitado em (1):

(1) a. Verbos Inergativos: NP [$_{VP}$ V NP/CP]

b. Verbos Inacusativos: ___ [$_{VP}$ V NP/CP]

Existe ainda uma outra característica sintática, típica dos verbos inacusativos. Como já apontado pelo nome, esses verbos são incapazes de atribuir caso acusativo ao seu argumento interno, fenômeno esse mais estudado dentro da perspectiva de Burzio (1986). Para os nossos propósitos, essa característica não será relevante.

Desde a proposta de Permulter (1978), muitos estudos cross-lingüísticos foram feitos na tentativa de se distinguir sintaticamente essas duas classes, delimitando evidências da inacusatividade desses verbos (por exemplo, Grimshaw, 1987; Rosen, 1987). Entretanto, nesses mesmos estudos cross-lingüísticos, foi notada uma similaridade semântica recorrente na classe dos verbos considerados inacusativos. Essa característica semântica vem sendo apontada por autores como Permulter (1978, 1980), Levin (1983), Marantz (1984), Rosen (1984), entre outros: argumentos cujos papéis temáticos são agentes são sujeitos profundos de verbos inergativos; e argumentos cujos papéis temáticos são pacientes ou temas são, na realidade, objetos na estrutura profunda, embora se apresentem como sujeitos derivados na estrutura superficial dos verbos inacusativos. Evidências dessa hipótese é que os sujeitos de verbos inacusativos apresentam propriedades, tanto sintáticas quanto semânticas, mais típicas de objetos diretos do que de sujeitos profundos. Portanto, assumimos juntamente com Levin & Rappaport (1995), que mesmo que a Hipótese Inacusativa seja sintaticamente representada, a distinção entre inacusatividade e inergatividade é semanticamente determinada.

Baseadas, então, na hipótese acima, apresentamos aqui uma pesquisa basicamente empírica e descritiva do comportamento sintático e semântico dos verbos mono-argumentais do português brasileiro (PB), para que possamos delimitar com mais precisão a oposição inacusatividade x inergatividade. Nosso objetivo é mostrar, através dos dados, que não existe uma delimitação exata entre essas duas classes, mas sim, uma classificação prototípica. Nos verbos investigados, percebemos que além de existirem verbos que são prototipicamente inacusativos e outros prototipicamente inergativos, ou seja, apresentam as propriedades sintáticas e semânticas típicas da classificação dada pela literatura, existem, ainda, outros verbos que exibem propriedades típicas do comportamento de inacusativo, mas que também apresentam algumas propriedades típicas dos verbos inergativos. Adotando essa proposta, acreditamos que estamos propondo uma classificação mais próxima e real da observação dos dados do português brasileiro.

O artigo se apresentará da seguinte forma. Na seção 2, apresentaremos as evidências encontradas na literatura para a hipótese inacusativa, os problemas de tal abordagem e a proposta desse artigo. A seção 3 trará a análise dos dados, com a explicação e aplicação das propriedades semânticas e dos testes sintáticos utilizados. Finalmente, a seção 4 trará a conclusão deste artigo.

2. Evidências para a Hipótese Inacusativa

Segundo Alexiadou, Anagnostopoulou & Everaert (2004), existem muitos fenômenos considerados sensíveis a inacusatividade. Dentre eles, os autores citam: seleção de auxiliar (inacusativos selecionam *be* e inergativos selecionam *have*); cliticização do *ne*, para o italiano (os inacusativos permitem e os inergativos não); possibilidade de ocorrerem em construções resultativas (os inacusativos ocorrem nesse tipo de construção, os inergativos não); aceitação do particípio passivo, também conhecido como construção com particípio absoluto (os inacusativos

aceitam e os inergativos não); as passivas impessoais (os inacusativos não podem ser passivizados porque não têm o papel temático do sujeito para absorver), etc.

Alguns desses testes se aplicam a algumas línguas e não, a outras. Ainda segundo Alexiadou et alli (2004), na literatura, muitos autores fornecem listas de diagnósticos inacusativos para línguas particulares, visto que os diagnósticos de inacusatividade não são válidos necessariamente para todas as línguas. No entanto, partindo da hipótese de que existam papéis temáticos típicos de sujeito profundo e papéis temáticos típicos de objeto profundo, esses diagnósticos específicos apóiam-se essencialmente:

a. na inexistência de um argumento externo, e, conseqüentemente, na não seleção do papel temático típico do sujeito, que faz a posição de sujeito ser preenchida por um argumento do tipo de objeto, que recebe papel temático característico de objeto;

b. em uma relação de movimento entre a posição de objeto e a posição de sujeito.

A primeira generalização, ou seja, a verificação do papel temático dos verbos em questão, aponta para uma característica que pode ser considerada universal: verbos que possuem um só argumento com papel temático típico de sujeito são inergativos; já aqueles que selecionam um só argumento com papel temático associado, geralmente, à posição de objeto, são inacusativos. Podemos ainda estender essa generalização para a associação das funções sintáticas a funções semânticas específicas. É comum encontrarmos teorias, principalmente no âmbito da gramática relacional (Rosen, 1984), que se apóiam na associação das noções gramaticais de sujeito e objeto às noções semânticas de agente e paciente/tema, respectivamente. Embora muitos possam questionar a existência específica de tais relações semânticas, Dowty (1989) atenta para o fato de que as línguas apresentam um padrão quanto ao tipo de papel associado à determinada posição sintática que não pode ser negado. Segundo o autor, tais associações não determinam a estrutura sintática de todos os verbos, mas funcionam muito bem para a classe dos verbos transitivos com dois argumentos: um

tipicamente agente e o outro tipicamente paciente. Entre os verbos dessa classe, ainda segundo Dowty, o argumento que recebe o papel de agente ocupa sempre a posição de sujeito. Isso sugere que há uma tendência de a posição de sujeito ser ocupada pelo agente e de a posição de objeto ser ocupada por um paciente ou tema.

Para a segunda generalização, Alexiadou et alli (2004) apontam o teste da cliticização do *ne* como expressão de (b) acima, dado que esse clítico é aceito apenas com objetos, em italiano. Para o português, pode-se adotar o teste da posposição, visto que sendo o argumento de um verbo inacusativo um objeto em sua origem, a ordem VS para esse tipo de verbo será aceita mais naturalmente. Isso porque, sendo um objeto, o argumento de um inacusativo estará *in situ* nessa ordem e a aceitação da posposição indicará a relação de movimento ocorrida na passagem da sentença da estrutura profunda para a superficial.

Portanto, esses dois diagnósticos específicos citados acima constituem, na literatura, evidências mais gerais da inacusatividade.

2.1 Fragilidade da Proposta: Papel Temático e Posposição

Entretanto, o que se verifica nos dados é que a aplicação e verificação desses diagnósticos apresentam vários problemas. Um primeiro problema para o tratamento da inacusatividade diz respeito ao comportamento misto que ela apresenta. Essa questão, já bastante difundida na literatura, mostra que vários diagnósticos para a inacusatividade não abrangem uniformemente a mesma classe de verbos, tanto para uma análise de uma língua particular quanto para uma análise entre línguas diferentes. Para uma análise de uma língua específica, deparamo-nos com o fato de que um verbo pode aceitar um teste para a inacusatividade, mas não outro. Tomando como exemplo o português brasileiro, façamos uma análise para os testes da verificação do papel temático e da posposição, seguindo as generalizações dadas acima:

(2) João amadureceu com a morte da mãe.

O verbo *amadurecer* toma um só argumento, *João*, que mantém uma relação de paciente com o verbo *amadurecer*. Na literatura, assume-se que os papéis temáticos de paciente ou o de tema são mais recorrentes na posição de objeto direto, ou seja, associam-se mais freqüentemente a um argumento interno. De acordo com isso, *amadurecer* poderia ser considerado inacusativo. Entretanto, se aplicarmos o teste da posposição como em (3) abaixo, vemos que a questão da classificação não é assim tão fácil:

(3) ?Amadureceu João com a morte da mãe.

Em (3), o verbo *amadurecer* não se comporta exatamente como um inacusativo, pois a posposição não é aceita livremente.

Ainda, existem outros contra-exemplos para uma abordagem baseada nessas duas propriedades mais gerais. Observe as sentenças (4) e (5) abaixo, em que os verbos *sair* e *sentar*, verbos considerados geralmente agentivos, aceitam a posposição de forma bem natural:

(4) Saiu a folha de pagamento./ Saíram as notas.

(5) Sentou uma mulher legal do meu lado.

Outro problema reside na própria definição dos papéis temáticos. As noções de agente, paciente, tema, etc. são demasiadamente vagas. Além disso, encontramos na literatura extensas listas de papéis temáticos propostas por autores como Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970),

Jackendoff (1972, 1983, 1990), dentre outros, mas as definições de um mesmo papel temático variam entre eles. São, normalmente, definições muito intuitivas e constituem uma tentativa mais geral de definir os papéis temáticos. Entretanto, se quisermos uma análise mais formal para a inacusatividade, devemos adotar também uma definição mais formal para os papéis temáticos.

2.2 Uma Classificação Mais Flexível

Considerando-se toda essa problemática em torno da caracterização dos verbos inacusativos e inergativos, nossa proposta está longe de considerar essa distinção como algo estanque e discreto. Adotamos uma proposta mais flexível, na qual assumimos a possibilidade de alguns verbos possuírem tanto propriedades inacusativas como inergativas. A flexibilidade da proposta exprime-se pela adoção da noção de prototipicidade para a classificação dos verbos. Além disso, assumimos, como muitos, que a inacusatividade não pode ser tratada estritamente do ponto de vista sintático. Esse fenômeno se caracteriza como um feixe de fatores sintáticos e semânticos e não apenas como decorrência de uma diferença estrutural. Os testes sintáticos capturam as generalizações sintáticas, mas elas não são suficientes. Existem também importantes generalizações semânticas envolvidas nessa distinção.

Portanto, valendo-nos dessas duas perspectivas, sintática e semântica, com o intuito de não perder as informações de nenhum dos lados, nossa proposta consiste em analisar um corpus contendo 40 verbos mono-argumentais do PB (ver quadro em (39)[4]). Aplicamos a cada um desses

[4] Incluímos, nesta análise, verbos que também apresentam ocorrência transitiva, dependendo da sentença em que aparecem, como: *falar*, *adormecer*, etc; e, também, verbos que aceitam objetos cognatos como *dançar*, *cantar*, etc. Entretanto, tais verbos também ocorrem de forma intransitiva na língua, podendo, por isso, ser incluídos entre os dados.

verbos, cinco diagnósticos[5]: dois semânticos e três sintáticos. Assim, ressaltamos que a distinção em inergativos ou inacusativos não depende apenas de uma propriedade e nem pode ser feita de forma estanque: existem verbos que apresentam um comportamento misto, o que seria problemático para uma análise em que as duas classes são consideradas discretas.

Antes, porém, de passarmos à análise, vale a pena esclarecermos dois pontos importantes. Primeiro, é preciso esclarecer a noção de prototipicidade adotada nesse artigo. A noção de prototipicidade está associada à idéia de que uma determinada categoria possui um (ou mais de um) membro central e, também, outros membros mais ou menos periféricos. Esses membros periféricos ocupam uma região de intersecção entre os dois membros centrais de duas categorias distintas, possuindo características de uma e de outra. Cançado (2005a) explica a noção de protótipos utilizando-se do exemplo da xícara e da tigela. Tomando a categoria XÍCARA e a categoria TIGELA como exemplos, a autora questiona com quantos centímetros uma xícara passa a ser tigela. Sabemos identificar uma xícara prototípica (talvez possua mais ou menos 10 cm de diâmetro) e uma tigela prototípica (20 cm de diâmetro, mais ou menos), mas delimitar com quantos centímetros de diâmetro uma xícara passa a ser tigela é uma tarefa impossível. Ainda, nessa perspectiva, Cançado mostra que o que classificará um elemento como sendo de uma determinada classe ou categoria é a quantidade de propriedades que ele possui dessa classe. Ao nos depararmos com um elemento que apresenta características de uma e de outra classe, ele pertencerá àquela da qual ele possui mais características.

Em segundo lugar é preciso retomar a definição de papel temático. Vamos nos valer aqui de uma proposta mais formal e flexível adotada por Cançado (2003, 2005b), para melhor investigar o

---

[5] As propriedades semânticas aqui estudadas não se tratam de testes propriamente ditos. Inclusive, usamos testes de compatibilidade sintática – e não testes *semânticos* – para a explicitação das propriedades semânticas relevantes. Por isso, usamos o termo *diagnóstico* não apenas como sinônimo de *teste*, mas como capturando também a aplicação da verificação das propriedades semânticas aos verbos do *corpus*.

tipo de papel temático atribuído aos argumentos dos verbos aqui estudados. Essa proposta apóia-se na idéia de composicionalidade na atribuição dos papéis temáticos e na proposta de decompor esses papéis em acarretamentos lexicais, seguindo de perto o trabalho de Dowty (1989) e Franchi (1997). Nessa proposta, assume-se que os papéis temáticos não são noções primitivas, mas se definem como o grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição na qual esse argumento se encontra. Cançado reconhece que nem todo acarretamento tem relevância para a análise gramatical, destacando, em um trabalho empírico, as propriedades acarretadas mais relevantes gramaticalmente. Iremos adotar, na nossa análise, duas dessas propriedades mais relevantes, que são as seguintes: *ser desencadeador de um processo* e *ser afetado por esse processo*. A vantagem dessa proposta é que podemos ter um papel temático que possua as propriedades *ser um desencadeador* e *ser afetado*, sem que isso seja um problema para a teoria, pois o papel temático de um argumento é exatamente o grupo de propriedades a ele atribuídas a partir da composição de sentidos dos itens lexicais da sentença em que esse papel temático encontra-se. Essa análise permite, por exemplo, incluir um agente/tema na lista de papéis temáticos existentes, o que seria problemático para as noções habituais adotadas. Veja o exemplo:

(6) João correu.

Se analisarmos *João* como um agente, estaríamos corretos, pois quem corre tem características bem agentivas, considerando que um agente desencadeia um processo, tem controle sobre esse processo, tem iniciativa no processo, etc. Entretanto, se considerarmos que tema é aquilo ou aquele que se desloca, uma das características dadas pela literatura como típica de tema, *João* também será considerado como um tema. E, então, teremos um problema, pois um dos diagnósticos da

inacusatividade baseia-se exatamente na classificação do argumento de verbos inergativos ou inacusativos serem um agente ou um tema, sendo impossível termos um agente/tema. Entretanto, se adotarmos a definição mais flexível de papel temático como grupo de propriedades, teremos simplesmente que o argumento *João* em (6) terá como papel temático o grupo de propriedades *ser um desencadeador do processo* e *ser afetado por esse processo*. Em relação ao diagnóstico da inacusatividade, teremos de passar para uma outra etapa da análise, e analisarmos além dessas propriedades, outras propriedades características de inacusatividade, para podermos dar uma classificação do verbo *correr* em relação à sua prototipicidade.

3. Análise dos dados

Vejamos, pois, as análises dos dados dentro das perspectivas explicitadas acima. Aplicamos aos 40 verbos mono-argumentais coletados, duas propriedades semânticas e três testes sintáticos, considerados como diagnósticos de inacusatividade. As propriedades semânticas aplicadas foram as seguintes: a explicitação da rede temática específica de cada verbo, dentro da perspectiva de propriedades semânticas de Cançado (2003 e 2005b), já que existe a relação entre tipo semântico de papel temático de verbos mono-argumentais e inacusatividade; e a explicitação da classe aspectual de cada sentença analisada, pois existe uma relação estreita entre inacusatividade e a propriedade aspectual de *achievement*. Os testes sintáticos aplicados foram: a posposição do sujeito como evidência do movimento na inacusatividade; a indeterminação do sujeito, pois sendo esta uma propriedade restrita a verbos que possuem sujeito profundo, é de se esperar que a indeterminação seja aceita apenas pelos verbos inergativos e não pelos inacusativos; e, uma última propriedade, a constatação da existência da forma do particípio, que é considerado um diagnóstico bastante preciso para a existência da inacusatividade.

Explicaremos, primeiramente, o diagnóstico proposto, aplicado a alguns exemplos. No final da seção, apresentaremos um quadro comparativo, mostrando todos os verbos e respectivas propriedades; além de apresentarmos, também, a nossa análise final sobre os dados.

3.1 As Propriedades Semânticas

3.1.1 Rede Temática

Seguindo Cançado (2003, 2005b), vamos nos valer apenas das propriedades semânticas, relevantes para o nosso estudo, que comporão os papéis temáticos dos verbos. Estas serão:

a. Desencadeador: propriedade acarretada pelo verbo a seu argumento quando este argumento possui algum papel no desencadear do processo.

b. Afetado: propriedade de mudança de estado acarretada pelo verbo a seu argumento, ou seja, se o verbo acarretar mudança de um estado A para um estado B a um argumento, este será associado à propriedade de afetado.

Baseadas, pois, no exposto até aqui, a expectativa é de que encontremos, para o argumento de um verbo inergativo, a propriedade de desencadeador e para o argumento de um verbo inacusativo, a propriedade de afetado. Tomemos alguns exemplos mais prototípicos, como os verbos *chegar* e *correr*, para ilustrar como foi feita essa análise:

(7) *João* chegou de repente.

(8) *João* correu ontem.

Em (7), temos como papel temático de *João*, a propriedade semântica de afetado, pois se é verdade que *João chegou de repente*, é verdade que *João* mudou de um estado A para outro estado B: o de não estar e de chegar. Entretanto, *João* não desencadeia o processo de *chegar*, pois o processo de

chegar só expressa a perspectiva final do evento, sem mostrar o ponto inicial do desencadeamento do processo. Em (8), temos como papel temático de *João* a propriedade de desencadear o processo, pois se é verdade que *João correu ontem*, é verdade que *João* tem papel no desencadeamento do processo de correr. Entretanto, podemos também inferir que se é verdade que *João correu*, é verdade que ele mudou de um estado A para um estado B no espaço; portanto, também tem como umas das propriedades de seu papel temático, ser afetado. Dessa maneira, classificamos, a partir dos acarretamentos das sentenças, o papel temático do argumento do verbo *chegar* como um afetado, e o papel temático do argumento do verbo *correr*, como o grupo de propriedades desencadeador e afetado. Nesse ponto, vale realçar que essa abordagem não fere o Critério Theta, proposto por Chomsky, e aceito por muitos lingüistas. Cada argumento está recebendo somente um papel temático, pois se adotarmos a perspectiva que papéis temáticos não são noções primitivas, um único papel temático pode ser um grupo de propriedades, ou seja, nada impede que um desencadeador (quem corre desencadeia a ação de correr) seja também afetado por esse processo.

Indo para os dados, podemos perceber que todos os verbos mono-argumentais que têm a propriedade de ser o desencadeador, também apresentam a propriedade de ser afetado, pois só existe um argumento que desencadeia o processo em si mesmo. Vejamos os exemplos:

(9) a. O João saiu.
b. O João falou.
c. O João nadou.
d. O João andou.
e. O João dançou.
f. O João caminhou.
g. O João cantou.

h. O João pulou.

Podemos afirmar que *João* desencadeia o processo de *sair, falar, nadar, andar*; etc.; no entanto, pode-se afirmar também que *João* é afetado nesses processos, pois ele mesmo desencadeia nele uma mudança de um estado A para um estado B. Dessa maneira, *João* recebe o papel temático desencadeador/afetado em todos os verbos desse tipo. Portanto, uma primeira conclusão a que se pode chegar é que a distinção entre inacusatividade e inergatividade será marcada pela existência da propriedade desencadeador: verbos mono-argumentais, que apresentem o desencadeador como uma das propriedades do papel temático de seu argumento, terá uma natureza mais inergativa. Vejamos alguns outros exemplos de verbos que apresentam uma característica inacusativa em relação a seu papel temático, ou seja, ter somente um argumento afetado, mas não um desencadeador:

(10) a. A menina adoeceu de dengue.

b. A flor apareceu no meu jardim.

c. Uma roseira brotou no jardim.

d. O trabalhador suava em bicas.

e. O aluno caiu na escada.

f. O pai dela morreu.

g. A menina desmaiou.

h. A criança nasceu.

Nos exemplos em (10), todos os verbos descrevem só a mudança de estado, não acarretando o desencadeamento do processo. Veja que testes que provam agentividade de argumentos não são aceitos pelos verbos em (10). Jackendoff (1972, 1990) propõe que sentenças do tipo: *o que X fez*

foi[6] .... só são aceitas por verbos agentivos, ou seja, verbos que desencadeiam um processo, dentro da perspectiva aqui adotada. Comprovemos esse teste nos dados acima:

(11) a. * O que a menina fez foi adoecer de dengue[7].

b. * O que a flor fez foi aparecer no meu jardim.

c. * O que a roseira fez foi brotar no jardim.

d. * O que o trabalhador fez foi suar em bicas.

e. * O que o aluno fez foi cair na escada.

f. * O que o pai dela fez foi morrer.

g. * O que a menina fez foi desmaiar.

h. *O que a criança fez foi nascer.

Em contraste, temos o mesmo teste para os verbos cujos argumentos são considerados desencadeadores:

(12) a. O que João fez foi sair.

b. O que João fez foi falar.

c. O que João fez foi nadar.

d. O que João fez foi andar.

---

[6] Claramente, este teste não é livre de problemas. O falante usa essa expressão mesmo com verbos não agentivos. Por exemplo, numa situação em que se deseja eximir-se de culpa, é comum ouvirmos:

i) Eu não fiz nada. O que eu fiz foi desmaiar.

Por isso, pode parecer que, para alguns verbos de afetação, esse teste passe. No entanto, contrastando-se os exemplos em (11) com os de (12), percebe-se que os verbos em (12) o aceitam melhor, na leitura agentiva que ele tenta captar.

[7] Segundo o parecerista deste artigo, as sentenças em (11a, d, e, f, g, h) parecem boas, mas, como ele mesmo sugere, pode se tratar de uma questão de variação dialetal. Entretanto, realçamos mais uma vez que testes podem não funcionar perfeitamente, como foi observado na nota 6 acima.

e. O que João fez foi dançar.

f. O que João fez foi caminhar.

g. O que João fez foi cantar.

h. O que João fez foi pular.

Portanto, temos um primeiro diagnóstico semântico para traçarmos a distinção inacusatividade e inergatividade. Porém, como já foi realçado, só essa propriedade não estabelecerá com segurança o tipo de verbo analisado; a análise da rede temática é uma primeira classificação. Outros testes e propriedades irão refinar essa análise.

3.1.2 O Aspecto

Para a explicitação da segunda propriedade semântica, recorreu-se à classificação aspectual de Vendler (1967). Segundo esse autor, os verbos podem ser classificados em quatro classes aspectuais: estativos, atividades, *achievements* e *accomplishments*[8]. As classes que nos interessam mais de perto são atividades e *achievements*. Os *achievements* são verbos pontuais não durativos, que se referem apenas ao ponto final de um evento. Já os verbos de atividades caracterizam-se por se referir ao tempo transcorrido desde o início do evento, sendo durativos, mas atélicos, não visam a alcançar o ponto final ou meta de um evento – ao contrário dos predicados de *achievement* – e podem exprimir uma leitura repetitiva. Processualmente, sabe-se que os verbos inacusativos são entendidos como aqueles que visam apenas ao ponto final do evento. Assim, há de se esperar que os verbos inacusativos formem predicados de *achievement*. Muitos autores já correlacionaram a idéia de telicidade aos inacusativos, dentre eles, Hout (2004), que trata a inacusatividade como uma

[8] Os dois últimos termos são comumente empregados em inglês.

distinção configuracional condicionada à checagem da propriedade da telicidade na posição de objeto.

O teste utilizado para capturar a propriedade semântica do aspecto e distinguir os verbos de *achievement* dos verbos de atividade possui referência em vários trabalhos (Vendler, 1967; Dowty, 1979; Verkuyl, 1989; entre outros), e consiste em adicionar a expressão *por x minutos*[9] à sentença. É sabido que essa expressão é aceita por predicados de atividade, mas não por predicados de *achievement*. Vale realçar que essa classificação possui caráter composicional: uma adjunção, por exemplo, pode mudar a natureza aspectual de um predicado. De fato, segundo Ilari e Basso (2004), a classificação de predicados de Vendler foi feita com base em testes de compatibilidade com certos adjuntos e na possibilidade de certos acarretamentos. Voltando aos dados e retomando os verbos *chegar* e *correr*, observe seu comportamento nas sentenças abaixo:

(13) * João chegou por 15 minutos.

(14) João correu por 15 minutos.

[9] Segundo Wachowicz (comunicação pessoal) o teste *por X minutos* deve indicar a leitura de que o evento denotado pelo verbo, desde o seu início, levou um tempo de X minutos. Ainda, segundo Ilari e Basso (2004), expressões durativas, como *por X minutos*, fazem alusão apenas ao tempo transcorrido desde o início do evento, mas não ao final dele. São expressões que não consideram o ponto final, não sendo aceitas por eventos télicos. Portanto, em:

i) O João cantou *por 15 minutos*.

Tem-se a leitura de que o tempo transcorrido desde o início do evento de *cantar* foi de 15 minutos. Contrastivamente, em:

ii) * A menina adoeceu de dengue *por 15 minutos*.

Esse teste não se aplica em (ii), pois o evento de *adoecer*, um *achievement*, ocorre em "um só átomo de tempo" (Ilari e Basso, 2004).

Note-se que a ação de *chegar* é pontual e não aceita a expressão durativa. Já o verbo *correr* aceita uma expressão que denota a duração do evento. Portanto, como esperado, o verbo *chegar* continua a apresentar características típicas de inacusatividade e o verbo *correr*, características típicas de inergatividade. Vejamos a aplicação desse teste nos exemplos já mostrados acima:

(15) a. ?O João saiu *por 15 minutos*.

b. O João falou *por 15 minutos*.

c. O João nadou *por 15 minutos*.

d. O João andou *por 15 minutos*.

e. O João dançou *por 15 minutos*.

f. O João caminhou *por 15 minutos*.

g. O João cantou *por 15 minutos*.

h. O João pulou *por 15 minutos*.

(16) a. * A menina adoeceu de dengue *por 15 minutos*.

b. * A flor apareceu no meu jardim *por 15 minutos*.[10]

c. * Uma roseira brotou no jardim *por 15 minutos*.

---

[10] Note-se que verbos como *aparecer, desaparecer, sumir e desmaiar,* entre outros, parecem aceitar a expressão *por X minutos*, mas não conforme leitura explicada na nota 9. Em:

i) ? A flor apareceu no meu jardim *por 15 minutos.*

A expressão parece ser aceita numa leitura em que o aparecimento da flor durou 15 minutos, ou seja, o estado em que ela se encontrou, resultante do evento de aparecer e posterior a ele, pode ter durado 15 minutos, algo como:

ii) A flor apareceu/ "ficou aparecida" no meu jardim por 15 minutos, não mais.

No entanto, a leitura de que o evento de aparecer durou 15 minutos não é possível, pois, conforme dito em nota acima, o evento de aparecer é télico e ocorre em apenas um átomo de tempo, portanto, não aceita expressões que denotem sua duração.

d. * O trabalhador suava em bicas *por 15 minutos*.

e. * O aluno caiu na escada *por 15 minutos*.

f. * O pai dela morreu *por 15 minutos*.

g. * A menina desmaiou *por 15 minutos*.

h. * A criança nasceu *por 15 minutos*.

O primeiro grupo, classificado como verbos cujos argumentos são desencadeadores, também são considerados, em geral, como verbos de atividade. Portanto, continuam a ser classificados como inergativos. O segundo grupo, de argumentos não desencadeadores, também são considerados verbos de *achievement*, em geral. Portanto, continuam a ser classificados como inacusativos. Percebe-se que já alguns verbos não se comportam exatamente como o esperado. Mas como já realçamos, faremos, ao final, a análise comparativa de todos os verbos. Aqui, nossa intenção é de apenas ilustrar as propriedades utilizadas.

Para continuarmos com o nosso diagnóstico de inacusatividade, passemos agora para os testes sintáticos.

3.2 Os Testes Sintáticos

3.2.1 A Posposição do Sujeito

Segundo julgamentos em análises gerativistas, tais como Kato (2000) e Figueiredo Silva (1996), a ordem VS é aceita mais livremente por verbos inacusativos. Outros trabalhos, como Coelho (2000) e Pilati (2002), também abordam a posposição como evidência de inacusatividade. No entanto, geralmente, estuda-se a propriedade sintática em si, ainda que se chegando inevitavelmente à classe dos inacusativos. Neste trabalho, a posposição é considerada uma das evidências que integram o feixe de propriedades caracterizadoras da inacusatividade ou da

inergatividade. Como vimos acima, considerá-la como única evidência de inacusatividade é bastante problemático. Nessa perspectiva, não esperamos que esse teste funcione em cem por cento dos casos, nem que sua aceitação ou não seja completamente distintiva. Na verdade, espera-se que os verbos inacusativos aceitem mais naturalmente a posposição, em contraste com os inergativos.

Para esse teste, utilizamos sempre um argumento indefinido para ser posposto, pois, por questões discursivas, que fogem ao escopo deste artigo, um DP indefinido nessa posição é mais bem aceito do que um definido[11]. Retomando os mesmos verbos dos exemplos para os testes semânticos, vejamos como a ordem VS ocorre:

(17) a. Saiu um menino lá da sala.
b. ? Falou um menino logo ali.
c. ? Nadou um menino na piscina.
d. ? Andou uma criança por aqui.
e. ? Dançou uma menina no salão.
f. ? Caminhou uma moça na lagoa.
g. ? Cantou uma banda na festa.
h. ? Pulou um menino no meu colo.

(18) a. Adoeceu uma criança na escola.
b. Apareceu uma flor no meu jardim.
c. Brotou uma roseira no jardim.
d. ? Suava o trabalhador em bicas.
e. Caiu um menino ali na escada.

[11] Para maiores detalhes sobre essa questão, remetemos o leitor interessado ao texto de Viotti (2002).

f. Morreu um velhinho na fila.

g. Desmaiou uma moça ali na esquina.

h. Nasceu um bebê lindo hoje na maternidade.

Note-se que, em (18), a posposição é aceita mais naturalmente do que em (17), classificando novamente a maioria dos verbos do primeiro grupo, em (17), como inergativos e a maioria do segundo, em (18), como inacusativos. Entretanto, observamos novamente que existem verbos que não se comportam como o esperado.

3.2.2 A Indeterminação do Sujeito

O segundo diagnóstico sintático considerado neste estudo foi retirado de Belletti & Rizzi (1988), em análise dos verbos psicológicos como sendo verbos inacusativos[12]. Segundo as autoras, a indeterminação do sujeito é uma propriedade restrita a verbos que possuem sujeito profundo, isto é, a verbos que selecionam um argumento externo. É de se esperar, portanto, que a indeterminação seja aceita apenas pelos verbos inergativos e não pelos inacusativos. Esse teste foi aplicado de duas formas: numa construção com *pro* arbitrário e em outra com a partícula *se*, índice de indeterminação do sujeito. De fato, esse teste separou bem as duas classes de verbos, embora, como sempre, tenha havido um ou outro caso fora do esperado. Majoritariamente, o que ocorreu foi verbos como *chegar* não aceitarem a indeterminação e verbos como *correr* aceitarem-na normalmente. Vejamos os exemplos:

(19) a. *Chegaram muito ontem.

[12] Existem vários autores que argumentam contra essa proposta inacusativa de Belletti & Rizzi para os verbos psicológicos. Mais especificamente, para o PB, ver Cançado (1997) e Cançado & Franchi (1999).

b. *Chegou-se muito ontem.

(20) a. Correram ontem na lagoa.

b. Correu-se muito ontem na lagoa.

Aplicando novamente esses testes, no primeiro grupo, temos:

(21) a. * Saíram muito lá de casa ontem à noite.

b. * Saiu-se muito lá de casa ontem à noite.

(22) a. Falaram muito de você aqui.

b. Falou-se muito de você aqui.

(23) a. Nadaram muito ontem no clube.

b. Nadou-se muito ontem no clube.

(24) a. Andaram muito na lagoa esta tarde.

b. Andou-se muito na lagoa esta tarde.

(25) a. Dançaram para valer ontem na festa.

b. Dançou-se para valer ontem na festa.

(26) a. Caminharam demais lá no sítio.

b. Caminhou-se demais lá no sítio.

(27) a. Cantaram até ontem na festa.

b. Cantou-se muito ontem na festa.

(28) a. Pularam até lá no parque.

b. Pulou-se muito lá no parque.

E no segundo grupo, temos:

(27) a. * Adoeceram de dengue na cidade.

b. ? Adoeceu-se de dengue na cidade.

(28) a. * Apareceram muito no meu jardim.

b. * Apareceu-se muito no meu jardim.

(29) a.* Brotaram no meu jardim.

b.* Brotou-se no meu jardim.

(30) a. * Suavam em bicas ontem.

b.* Suava-se em bicas ontem.

(31) a.   Caíram lá em cima.

b. * Caiu-se lá em cima.

(32) a.* Morreram muito ontem.

b.* Morreu-se muito ontem.

(33) a. * Desmaiaram muito na escola.

b. * Desmaiou-se muito na escola.

(34) a.* Nasceram a cada hora no hospital.

b.* Nasceu-se a cada hora no hospital.

Pelos exemplos, vai se tornando mais evidente que alguns verbos realmente têm um comportamento misto. Vejamos, agora, um último teste sintático.

3.2.3 O Particípio Absoluto

Em Eliseu (1984), trabalho sobre a inacusatividade no português europeu, assume-se que essa classe de verbos admite que o particípio apareça como predicativo, adjunto do nome e,

principalmente, em construções absolutas. O particípio é considerado, inclusive, um diagnóstico mais preciso para a constatação da inacusatividade, sendo as construções absolutas a forma de particípio mais difundida pela literatura como evidência para o fenômeno. Outro trabalho sobre o particípio, Foltran & Crisóstimo (no prelo), sugere que a ocorrência dessa forma nominal está condicionada à existência de um objeto direto. A autora, também adotando a proposta de Cançado (2003), faz um levantamento sobre os papéis temáticos atribuídos aos argumentos dos verbos que aceitam a formação do particípio, dirigindo sua análise para a semântica, mas seus dados mostram que vários papéis temáticos podem ocorrer como argumento da forma participial, desde que esse argumento seja um argumento interno, ou, em outras palavras, objeto direto. Nosso corpus parece confirmar essa hipótese, na medida em que os verbos que se supõe serem inacusativos aceitam a formação com o particípio absoluto e os inergativos não. Vejamos nossos exemplos prototípicos:

(35) Chegadas as cartas, pude descobrir a razão de tanta tristeza.

(36) *Corridos os atletas, a prova acabou.

Apliquemos o teste nos dois grupos. O primeiro grupo, com características mais inergativas, não aceitará o particípio de maneira mais geral; o segundo, com características inacusativas, aceitará, com algumas ressalvas, essa construção:

(37) a. * Saídos os meninos, a mãe descansou.

b. * Falados os professores, os alunos calaram.

c. * Nadado o nadador, a competição acabou.

d. * Andado o menino, a babá foi embora.

e. * Dançada a bailarina, o teatro esvaziou.

f. * Caminhados os atletas, a prova começou.

g. * Cantadas as bandas, a festa acabou.

h. * Pulados os meninos, fomos embora do parque.

(38) a. ? Adoecida a menina, não pudemos sair de casa./A menina adoecida é aquela ali.

b. Aparecidos os instrumentos, pudemos começar a operação.

c. ? Brotada aquela roseira, o jardim ficou lindo. / A roseira recém-brotada é branca.

d. * Suados os trabalhadores, paramos o trabalho.

e. Caída a república, instaurou-se a monarquia.

f. Morto o pai, a família passou necessidades.

g. ?Desmaiada a menina, a festa acabou. / A menina desmaiada acordou.

h. Nascida a criança, fizemos uma festa.

Concluindo com os testes, nessa pequena amostra de dados, fica claro a não homogeneidade das análises. Existe uma tendência de a maioria dos verbos se comportarem de maneira uniforme, aceitando ou não todas as propriedades; entretanto, existem ainda alguns verbos que oscilam ora para uma classificação, ora para outra. E então surge a questão de como classificá-los. Vejamos essa classificação de uma maneira mais geral.

3.3 A Análise Geral

A nossa proposta, que será ilustrada de uma maneira contrastiva no quadro em (39), é a de que, nos 40 verbos analisados, existem verbos que são prototipicamente inergativos, ou seja, aceitam todas as propriedades apontadas como características de verbos que têm um só argumento externo. Relembrando, são verbos que: têm um desencadeador em sua rede temática; são atividades,

pois aceitam a expressão durativa *por x minutos*; não aceitam a posposição do sujeito; aceitam a indeterminação do sujeito e não aceitam o particípio absoluto. Esses verbos são: *caminhar, cantar, correr, dançar, falar, nadar, pular, respirar, voar, flutuar e andar*.

Existem verbos que são prototipicamente inacusativos, pois aceitam todas as propriedades consideradas características de inacusatividade. Estas são: não aceitar um desencadeador em sua rede temática; ser um achievement, por não aceitar a construção *por x minutos*; aceitar a posposição do sujeito livremente; não aceitar a indeterminação do sujeito, pois esses verbos não possuem sujeito profundo e sim, um objeto; e aceitar o particípio absoluto, pois o particípio absoluto só ocorre com objetos e o único argumento desses verbos é um objeto profundo. Esses verbos são: *adormecer, amanhecer, morrer, acontecer, desabrochar, chegar, florescer, nascer, aparecer, sumir, desaparecer, desfalecer e desmaiar.*

Entretanto, há outros 12 verbos que não se enquadram nesses dois grupos. São verbos que apresentam comportamento misto quanto à inacusatividade/inergatividade, possuindo características de ambas as classes. Segundo nossa análise, e conforme a noção de prototipicidade exposta na seção 2.2 acima, esses verbos serão considerados *inacusativos menos prototípicos*, quando apresentarem maior número de propriedades exibidas por verbos inacusativos prototípicos; ou *inergativos menos prototípicos*, quando apresentarem maior número de propriedades exibidas pelos verbos inergativos prototípicos. Assim, os verbos inacusativos menos prototípicos são: *adoecer, cair, decair, desfalecer, despertar, fracassar, amadurecer e sair*. Os verbos inergativos menos prototípicos são: *sentar, dormir/repousar, suar e transpirar*.

Vejamos, pois, o quadro com a classificação geral desses verbos:

(39)

VERBOS MONO-ARGUMENTAIS						
INACUSATIVOS PROTOTÍPICOS	**INACUSATIVOS MENOS PROTOTÍPICOS**			**INERGATIVOS MENOS PROTOTÍPICOS[13]**		**INERGATIVOS PROTOTÍPICOS**
-DES +ACHIV +POSP -IND +PART	-DES +ACHIV -POSP -IND +PART	-DES +ACHIV +POSP +IND +PART	+DES +ACHIV +POSP -IND -PART	+DES +ACHIV +POSP +IND -PART	-DES +ATIV -POSP - IND -PART	+DES +ATIV -POSP +IND -PART
adormecer/dormir[14]	decair	cair	sair	sentar	suar	caminhar
amanhecer	desfalecer				transpirar	cantar
aparecer	despertar					correr
surgir	fracassar					dançar
morrer	amadurecer					falar
sumir						nadar
desaparecer						pular
desmaiar						respirar
acontecer						voar
desabrochar						andar
chegar						repousar
florescer						
nascer						
brotar						
partir						
ocorrer						
murchar						
Germinar						
Adoecer						

4. Conclusão

Este artigo apresentou uma pesquisa descritiva do comportamento dos verbos mono-argumentais, focalizando principalmente os verbos inacusativos. Nosso propósito, neste trabalho, é

[13] As propriedades inergativas estão grafadas em azul, para contrastar com as inacusativas.
[14] Observamos que o verbo *dormir* tem sido usado em duas acepções distintas: um sentido de adormecer, inacusativo, e um sentido de repousar, inergativo.

o de fornecer uma classificação baseada na observação dos dados da língua, visto que as abordagens encontradas sobre a inacusatividade se mostram muito frágeis, como ilustramos na seção 2 e como já foi apontado em vários outros trabalhos. Assim, este trabalho pretendeu fornecer uma resposta para a questão: 'O que classifica um verbo como sendo inacusativo ou não?'

Para tanto, propomos uma abordagem mais flexível para a classificação desses verbos. Assumimos: (1) a possibilidade de alguns verbos possuírem propriedades tanto inacusativas como inergativas; (2) uma abordagem na qual a inacusatividade e a inergatividade são concebidas como feixes de propriedades sintáticas e semânticas. Nessa perspectiva, são necessários vários diagnósticos – elegemos cinco para o PB, que, segundo nossa pesquisa, foram aqueles que melhor funcionaram frente aos dados – para classificar um verbo como inacusativo ou inergativo, e não apenas um. Como decorrência, acreditamos que a classificação não pode ser categórica, mas sim realizada a partir da noção de prototipicidade: existem aqueles verbos inacusativos e inergativos prototípicos, que exibem todas as propriedades necessárias para caracterizá-los como tal e outros inacusativos ou inergativos menos prototípicos.

Referências:

ALEXIADOU, A., E. ANAGNOSTOPOULOU & M. EVERAERT (orgs.) (2004) *The Unaccusativity Puzzle. Explorations of the syntax-lexicon interface.* New York, Oxford University Press.

BELLETTI, A. e RIZZI, L. (1988) Psych verbs and Theta-theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, 6: 291-352.

BURZIO, L. (1986) *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company.

CANÇADO, M. (1997). Os Psico-Verbos do Português Brasileiro e a Hipótese Inacusativa de B&R: Indícios para uma Proposta Semântica. *DELTA* 13.1: 119-139.

CANÇADO, M. (2003). Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: A. L. MÜLLER, E. V. NEGRÃO & M. J. FOLTRAN (orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, p. 95-124.

CANÇADO, M. (2005a). *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

CANÇADO, M. (2005b). Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*. V. 21.1.

CANÇADO, M. & C. FRANCHI (1999). Exceptional Binding with Psych-Verbs? *Linguistic Inquiry*, 30.1:133-143.

CHAFE, W. L. (1970). *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: Chicago University Press.

COELHO, I. (2000) A ordem V-DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

DOWTY, D. (1979) *Word Meaning and Montague Grammar.* Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

DOWTY, D. (1989) On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. IN:Chierquia, Partee e Turner. Eds. *Properties, Types and Meaning. Studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues*. Daordrecht: Kluver, p. 69-124.

ELISEU, M. (1984). Verbos Ergativos. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

FIGUEIREDO E SILVA, M. C. (1996) *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas.* Campinas: Editora da Unicamp.

FILLMORE, C. (1968). The Case for Case. In E. Bach e R. Harms (eds). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinnehart and Winston.

FILLMORE, C. (1971). Some Problems for Case Grammar. *Monograph Series on Language and Linguistics* 24.

FOLTRAN, M.J. & G. CRISÓSTIMO (no prelo). Os Adjetivos Participiais no Português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Faculdade de Letras. UFMG.

FRANCHI, C. (1997) Predicação. Manuscrito publicado em CANÇADO, M. Org. (2003). *Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: Anotações de Carlos Franchi. Revista de Estudos da Linguagem*. Vol. 11 - No. 2.

GRIMSHAW, J. (1987) Unaccusatives - An Overview. IN: *proceedings of NELS 17*,244-59. GLSA, University of Massachusetts.

HOUT, A. V. (2004) Unaccusativity as Telicity Checking. IN: A. ALEXIADOU, E. ANAGNOSTOPOULOU & M. EVERAERT (orgs.) *The Unaccusativity Puzzle. Explorations of the syntax-lexicon interface.* New York: Oxford University Press.

ILARI, R. & R. BASSO (2004) Telicidade e Degree Achievements. *Anais do VI Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul.* Florianópolis: CELSUL.

JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge (MA): MIT Press.

JACKENDOFF, R. (1983) *Semantics and Cognition*. Cambridge (MA): MIT Press.

JACKENDOFF, R. (1990) *Semantic Structures*. Cambridge (MA): MIT Press.

KATO, Mary A. (2000) A restrição de Mono-Argumentalidade da Ordem VS no Português do Brasil. *Fórum Lingüístico*, n. 2: 97-127.

LEVIN, B (1983). On The Nature of Ergativity. Doctoral Dissertation, MIT.

LEVIN, B. & M. H. RAPPAPORT (1995) *Unaccusativity*. At the syntax-lexical semantics interface. Linguistic Inquiry, Monograph 26.

MARANTZ, A. P. (1984) *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge (MA): MIT Press.

PILATI, Eloisa (2002) Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília.

PERLMUTTER, D. (1978) Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis. *Berkeley Linguistics Society 4*, p.157-189.

PERLMUTTER, D. (1980) Relational Grammar. In: MORAVCSIK & WIRTH (orgs.) *Current Approaches to Syntax*. New York: Academic Press.

ROSEN, C.G. (1984) The Interface between Semantic Roles and Initial Grammatical Relations. IN: PERMULTTER & ROSEN (eds). *Studies In Relational Grammar* 2. Chicago: University of Chicago Press.

VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy.* New York: Cornell University Press.

VERKUYL, H. J. (1989) Aspectual classes and Aspectual composition. *Linguistics and Philosophy 12*. Daordrecht: Kluver, p.39-94.

VIOTTI, E. C. (2002) Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. *Revista do Gel – 50º Seminário em memória de Carlos Franchi.* São Paulo: Contexto, p. 127-153.